

A França das trabalhadoras e dos trabalhadores numa encruzilhada histórica

Hoje, 7 de março de 2023, o povo trabalhador francês conseguiu enfrentar as dificuldades de um sexto dia de greve (em dois meses de mobilização) num contexto de inflação importante (de 13 a 15% num só ano e, sem dúvida, com um aumento dos preços de alimentos ainda mais forte na primavera que está chegando), de estagnação dos salários e de precarização desenfreada das condições de trabalho e dos contratos. Este, visto da América latina, pode parecer ser só mais um movimento social na França.

Seria um equívoco achar que a luta daquele lado do Atlântico se dá apenas por mais uma reforma da previdência que parece injusta bem como o foram um número impressionante das decisões dos governos precedentes desde Chirac, passando por Sarkozy, Hollande para chegar a Macron. Na França também o dogma neoliberal age de modo brutal e cínico, deixando cada vez menos recursos a populações cada vez mais privadas dos bens e serviços mais importantes: alimentação, moradia, saúde, educação, etc.

É isso conjugado às publicações das cifras dos lucros dos acionistas franceses e seus super-bilionários (o homem mais rico do mundo é agora o Bernard Arnault, francês dono da Louis Vuitton) que faz nessas semanas subir na gola dos franceses, trabalhadoras e trabalhadores, sim, mas também aposentadas e aposentados, jovens do ensino médio, das Universidades um grito de raiva que se resume assim: “Chega!” “Basta de nos umiliar sempre e sempre tirar do nosso bolso o dinheiro que não vem prelevado aos extra-ricos!!”.

Ainda não é um grito de revolução social, porém, pela primeira vez há décadas, se sente no país uma possibilidade de construir algo que submerja as direções sindicais pela força da vontade de ir para a luta das bases que ainda lembram da espontaneidade das reivindicações dos Coletes Amarelos de 2018-19.

Dessa vez, o sindicatos têm uma linha de conduta que permite esperar mais do que um simples movimento social morto em algumas semanas. Até o sindicato reformista CFDT assumiu uma posição que consente uma greve de três-quatro dias com novo ato previsto no sábado 11/03.

Neste contexto, nossos companheiros anarquistas estão na linha de frente para convencer as pessoas de aderir às reconduções de greves nos seus setores para solidificar a mobilização, mudar a favor do povo trabalhador a relação de força, ir além das reivindicações oficiais das centrais sindicais e obter conquistas sociais

novas, e não apenas o abandono de uma reforma da previdência que só pode ser uma provocação da parte do governo do banqueiro Macron.

Hoje, dia 7 de março de 2023, desfilaram nas ruas de França mais de 3 milhões e meio de pessoas , 700.000 em Paris, 245.000 em Marselha, 120.000 em Tolosa e por aí vai, com mais de 260 atos em todo o território nacional e, sobretudo, em cidadezinhas que nunca conheceram tal mobilização.

Amanhã, dia 8 de março, dia internacional de luta pelos direitos das mulheres vai ser um dia particularmente favorável para enfrentar de novo esse governo e sabemos que nossas companheiras vão mandar um sinal forte para os palácios: essa reforma não passará!

Rumo à luta!! Até a vitória!!

Edít 28/03/2023

10º dia de greve... a lei de reforma da previdência já foi adotada pelo Parlamento que, apesar da sua forte oposição, teve que ficar calado, pois não foi votada, mas sim, imposta pelo governo de Elisabeth Borne... a França está pegando fogo, mas ao mesmo tempo @s trabalhador@s estão cansad@s. Nestes últimos dias de greve, muit@s jovens saíram das suas escolas para se juntar às mobilizações. Enquanto isso, a repressão policial se faz cada vez mais cruel e violenta... difícil dizer quem vai ganhar esta luta, mas já é certo que o Poder está se fissurando de todas as partes. To be continued...

Edít 15/04/2023

A reforma foi promulgada ontem a noite pelo presidente Macron depois de uma farsa de decisão por parte do Conselho Constitucional (tipo de STF da França). Apesar de 12 jornadas de greve, a estratégia dos sindicatos de não lançar greves gerais continuadas de vários dias seguidos deu errado, claramente. A classe trabalhadora sai dessa luta sem muita perspectiva senão a de repensar a luta dos Coletes Amarelos que, sem fazer greves (e perder o dinheiro dos dias de trabalho), mas pela amotinação da luta nas ruas, obteve muito mais do que as grandes manifestações pacíficas de caminhada ordenada. Isso é para se refletir. Se não for feito rapidamente, o movimento social francês arrisca desaparecer e ser digerido definitivamente por um Poder estatal cada vez mais extremista e violento. Apesar disso, a classe trabalhadora foi digna, aliás exemplar, na sua persistência em lutar frente a uma classe política completa e a todas as instâncias de um sistema republicano em plena decomposição. No plano político, quem sai vencedor,

apesar de não ter feito nada a favor d@s trabalhador@s é a extrema direita. Mais uma vez, é preciso repensar profundamente as nossas estratégias e táticas sob pena de desaparecer definitivamente.



O banco de um mundo que está queimando